
MARTINS, Felisbela (2015). Geografia., educação geográfica e suas representações por professores em formação. The overarching issues of the european space: spatial planning and multiple paths to sustainable and inclusive development. Porto. FLUP. pp. 391-403

GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E SUAS REPRESENTAÇÕES POR PROFESSORES EM FORMAÇÃO.

Felisbela MARTINS

Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

CEGOT- Centro de Estudos de Geografia e de Ordenamento do Território

Felisbela.martins@gmail.com

Resumo

Hoje, a principal meta da educação geográfica é a de preparar os jovens para a vida num mundo em constante mudança, noutras palavras, prepará-los para o futuro. Através da Geografia, podemos educar para a cidadania, para a sustentabilidade, para um mundo tecnológico, para as dimensões espirituais, morais, sociais e culturais e também para um mundo globalizado. Os professores, através da sua atividade de ensino, ampliar o pensamento geográfico e ajudar os alunos a desenvolver o seu raciocínio e as suas concepções em relação ao espaço.

O Mestrado em Ensino de História e Geografia tem o objetivo de preparar os futuros professores a serem participantes ativos na concepção, gestão e aplicação do currículo, para que possam compreender e trabalhar com diferentes concepções curriculares, sempre maximizando o potencial educativo da Geografia. Desenvolvem uma preparação didática para a gestão do desenho curricular, um quadro conceptual e instrumentos processuais que permitem lidar com o trabalho relacionado com o ensino, utilizando o seu saber e saber- fazer desenvolvendo competências.

Nesta pesquisa queremos compreender as representações dos estudantes - professores sobre o que para eles é a Geografia, a Educação Geografia, e entender as suas concepções sobre como a Geografia deve ser ensinada. Apesar destes estudantes estarem preocupados com a validade da formação científica oferecida no *minor* em Geografia ou no *minor* de História, querem aprofundar a sua dupla formação do ponto de vista científico e didático. Sobre as suas concepções como deve ser a Geografia ensinada, todos destacam a necessária ligação do aluno à realidade e ao dia de vida. É também importante o papel dos professores e os seus métodos de ensino, já que para eles, a Geografia é uma ciência global e abrangente que estuda a Terra e os fenómenos físicos e humanos que nela ocorrem, bem como as suas inter-relações. É a ciência do território.

Palavras Chave: Geografia, Ensino da Geografia, Representações de Professores.

Abstract

The major goal of geographical education today is to prepare young people for life in a constantly changing world, in other words, prepare them to the future. Through Geography, we can educate for citizenship, for sustainability, and for a technological world, educate for the spiritual, moral, social and cultural dimensions and also for a globalized world. Teachers must to develop geographical thinking in students through their teaching activity and help them to develop their reasoning and conceptions with regard to space.

The Master's History and Geography teaching course aims to prepare students teachers to be active participants in the design and management of the applied curriculum, so that they can understand and work with different curriculum conceptions, always maximizing the educational potential of Geography. Students can therefore

expect not only didactical preparation for managing the current curriculum design, but also a conceptual framework and procedural tools that enable future teachers to cope with the work related to teaching, using their know-how and skills. Our research wants understand the student's representations of Geography, Geography Education, and understand their conceptions on how Geography should be taught.

In spite these students are concern with the validity of scientific training offered in the minor in Geography or in the minor of History, want to deep their dual training from scientific and didactical point of view. Concerning their thoughts about how should be Geography be taught, all think that is necessary highlight the link the student's reality and day life and the role of the teachers and their teacher methods. For them Geography is a global and encompassing science, studies the Earth and the physical and human phenomena that occur, as well as, their interrelation. Is the science of territory.

Keywords: Geography, Geographical education, Teacher's representations.

1. Introdução

Desde o início da Idade Moderna que a Geografia teve uma função educativa, sobretudo juntos dos jovens no momento da sua formação. Até ao século XIX, não é possível falar de uma generalização do ensino desta ciência, pois, ainda que a Geografia tenha esse reconhecimento pedagógico, a educação tal como a entendemos hoje, era destinada só a uma elite e muito poucos lhe tinham acesso. Porém, hoje, tal não acontece. A Geografia é uma disciplina escolar que se destina a todos, onde factos convergentes tais como a recusa generalizada dos excessos memorísticos da Geografia tradicional, a nova dimensão do espaço geográfico que adquire uma perspectiva global, as necessidades sociais que configuram a Educação e as recentes transformações do nosso mundo, lhe definem um papel de conhecimento útil e necessário para a sociedade contemporânea.

Hoje a educação geográfica tem o grande objetivo de preparar os jovens para o amanhã num mundo em permanente mudança. Assim, a construção e a estruturação do pensamento e raciocínio geográfico, por parte dos estudantes, deve ser desenvolvido de modo a formar uma consciência espacial. Esta, é mais do que conhecer e localizar: "É analisar, (...), é compreender a espacialidade das práticas sociais para poder intervir nelas a partir de convicções, elevando a prática cotidiana, a uma das acções particulares" (Cavalcanti, 1998, p.128).

Deste modo, todos os educandos ao estudarem e aprenderem Geografia devem explicitar e realizar uma leitura crítica do espaço em que vivem, pois só assim conseguirão fazer uma interpretação do espaço geográfico, assumindo que também fazem parte dele, não sendo meros indivíduos passivos, mas sim agentes que podem mudar a realidade a partir das suas ações.

Neste entendimento de aprender o espaço, o professor deve desenvolver um processo de ensino - aprendizagem que conduza os jovens a tomar contacto com os conceitos fundamentais para o raciocínio espacial e o estudo da Geografia. É pois fundamental que, ao nível do ensino escolar, se criem

condições para que os jovens conheçam e compreendam a realidade em que vivem. Patrick Bailey (1974, p.24), defende que esta não é uma tarefa fácil, em especial para quem se encontra no início da sua formação. Isto porque, geralmente, os professores em início de carreira, querem conceber aulas que sejam especiais e memoráveis para os seus jovens alunos, esquecendo-se que uma ideia excelente pela lógica do adulto, pode não ser uma ideia excelente pela ótica dos alunos.

Porque temos vindo a desenvolver uma formação inicial de professores de Geografia, na maioria dos casos jovens sem qualquer experiência de ensino, foi nossa preocupação perceber quais são as suas concepções sobre o que é a Geografia e em que consiste a Educação Geográfica. Foi também nosso objetivo conhecer que concepções possuem estes estudantes em início de carreira, sobre como deve ser a Geografia ensinada nas escolas junto dos alunos mais jovens.

Tal como é recomendado internacionalmente, os professores de Geografia devem ser qualificados, não só do ponto de vista da especificidade da ciência, mas também ao nível da Educação Geográfica. Seguindo esta perspetiva, estes estudantes – professores após terem terminado a sua licenciatura em Geografia com *minor* em História, ou a sua licenciatura em História com *minor* em Geografia, aprofundam saberes científicos e depois enveredam pelo Mestrado em Ensino de História e Geografia. Este artigo pretende dar a conhecer as percepções dos futuros professores em formação com quem trabalhamos sobre estas questões supramencionadas.

Assim, partimos de uma breve referência à ciência geográfica e do seu entendimento enquanto ensino escolar interligado ao papel dos docentes, enquanto agentes educativos da disciplina. Segue-se-lhe o ponto três e quatro onde abordamos concepções sobre representações e o ensino desenvolvido na formação inicial. Tratamos os referenciais teóricos de suporte ao estudo, enveredando pela apresentação da metodologia de investigação e o processo de recolha de dados. Desta forma, foi feito um inquérito por questionário aos alunos – professores, divulgando agora as suas representações enquanto professores de Geografia, sobre o que é a Geografia, e a Educação geográfica e como esta disciplina deve ser ensinada às diferentes gerações de indivíduos. Terminamos este estudo com algumas considerações sobre as suas percepções.

2. Geografia e Educação

Etimologicamente a palavra Geografia deriva do grego *Geo*, que quer dizer Terra e *graphein* que quer dizer escrever. A Geografia foi desenvolvida por gregos, romanos, árabes, chineses, e por navegadores, sobretudo portugueses e espanhóis, mas só a partir do século XIX ela adquire um objeto de estudo e um método de trabalho.

A Geografia ganha o estatuto de ciência com Carl Ritter e Alexandre Humboldt que se preocuparam em definir um objeto e um método específico para a ciência. Para tal, contribuiu o

pensamento kantiano que forneceu as bases filosóficas para o desenvolvimento do pensamento geográfico e enquadrou o lugar da Geografia em relação às diferentes áreas do conhecimento. Segundo Ferreira & Simões (1986, p.59), os geógrafos passaram a “estudar só a superfície da Terra e a interessar-se apenas por dois problemas: o estudo da diferenciação do espaço e o estudo das relações homem-meio”.

No final da segunda metade do século XIX a Geografia é (re)colocada entre as ciências modernas, pela mãos de Ratzel (determinismo) e Vidal de la Blache (possibilismo). Considerados os pais da Geografia, Ratzel e Vidal de la Blache estavam preocupados em pensar a relação Homem-Natureza, retomando desta forma as discussões em torno do objeto e método de estudo da Geografia.

O século XIX foi também o século das viagens e da exploração do interior dos continentes. A expansão europeia e a incorporação e apropriação de novos territórios vai permitir a consolidação da Geografia. Se na Inglaterra e na França a Geografia contribuiu para o expansionismo e estruturação do capitalismo, procurando descrever os vários lugares das colónias e das suas riquezas, na Alemanha ela surge para responder à unificação do território e a conquista de um lugar privilegiado face às demais nações. Assim, ligado aos interesses em conhecer o próprio território e veicular princípios, valores e ideias de patriotismo, o ensino da Geografia institucionalizava-se nos países europeus tornando-se a Geografia um campo de estudo e investigação no ensino superior, surgindo diferentes correntes no interior da área do conhecimento. A Geografia paulatinamente passou a ter uma clara função educativa, mas, sobretudo, dirigia-se às elites da sociedade europeia. Era uma ciência para poucos.

Progressivamente, ao longo do século XX, o ensino da Geografia acompanhou as mudanças na educação expandindo-se para as classes médias da população. Geografia e Educação “começam a ser elementos intimamente relacionados desde a escola à universidade” (Ilera, 1995, p.44). Desenvolveu-se o primeiro esforço para generalizar a geografia para todos, mas foi-lhe acometido um carácter descritivo e regional. Continuava-se a privilegiar o estudo da nação e a abordar o resto do mundo com um marcado carácter eurocêntrico. A Geografia continuou a ser uma disciplina memorística que caía na “enumeração de repertórios inabarcáveis, cujo ensino imita, decepçiona e acaba por conferir à Geografia o carácter de disciplina livresca” (Lacoste, 1980, p.5-6). Desta forma e para o mesmo autor, “o discurso geográfico perde acção, interesse e lógica” (*ibidem*, p.26) para cada aluno em formação.

À medida que se caminha para os finais do século XX, o objeto de ensino da Geografia vai sofrer uma mudança, incentivando-se uma aprendizagem ativa, afastando-se progressivamente a ideia de um processo ensino - aprendizagem através da memorização (Ilera, 1995).

Na atualidade, a Geografia, está longe da descrição que outrora a caracterizou. Ela é o resultado das transformações temporais a que foi sujeita, quer a nível científico, quer metodológico. Hoje apresenta uma dimensão de globalidade, a capacidade de estudar os problemas atuais e de os resolver.

3. Educação geográfica e o papel dos professores

Com o fim da 2ª Guerra Mundial, com as mudanças sociais por ela preconizadas, o modelo educativo vigente começa a entrar em crise e geram-se mudanças educativas por todo o mundo, para dar respostas a uma sociedade que vê aumentar o seu nível de vida. Por seu turno, acentuam-se e surgem orientações pedagógicas que acompanham este processo reformador que evidencia a necessidade de modificar a metodologia até então utilizada, baseada na mera transmissão de conhecimentos, o que frequentemente conduzia a um excesso de memorização e a uma aprendizagem puramente mecânica e repetitiva.

No mundo globalizado de hoje a escola, palco e local de diferentes culturas, precisa de ser viabilizada no sentido de preparar indivíduos com habilidades cognitivas e sociais e que estejam melhor preparados para enfrentarem a realidade do quotidiano e capazes de produzirem as suas próprias histórias. Neste contexto o papel da Geografia enquanto disciplina escolar, não é mais o tradicional no qual se memorizam informações, mas sim deixar o aluno descobrir “o mundo em que vivemos, com especial atenção para a globalização e as escalas local e nacional, deve focar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza” (Cavalcanti, 1998, p.23). Nesta perspectiva “o ensino da Geografia deve visar o desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do ponto de vista da sua espacialidade. Isto porque se tem a convicção de que a prática de cidadania, sobretudo nesta virada de século, requer uma consciência espacial” (*ibidem*), p.24).

Deste modo, no ensino da Geografia escolar, é fundamental que se criem condições para que os jovens conheçam e compreendam a realidade em que vivem. Assim, a realidade passa a ter um outro significado para os alunos, pois ao extrapolarem as suas informações e exercitarem a crítica sobre a realidade, teorizam e constroem o seu conhecimento (Callai, 1999). Portanto, é necessário que o conhecimento não seja algo dado como acabado mas que seja um “conhecimento em movimento”. No ensino da Geografia, nos níveis básico e secundário, busca-se um ensino mais ativo de modo a que o aluno ganhe consciência do seu processo de aprendizagem. Sabe-se que é de acordo com a idade que o aluno vai formando novas e mais complexas conceptualizações sobre o espaço. Por outro lado, é com a idade que ele tem a percepção de que o estudo e a aprendizagem da Geografia se decompõe em diferentes conceitos. Assim, esta ciência enquanto disciplina educativa, ensina não apenas determinados saberes concretos, mas constitui-se como um instrumento que permite conhecer e compreender o mundo em que vivemos, sobretudo no que se refere à sua estrutura espacial e aos fenómenos que lhe deram lugar. Esta renovação no entender e no ensinar da Geografia, permite que esta se constitua como um excelente meio para desenvolver certas capacidades individuais e sociais da pessoa, fomentando a sua integração e socialização. A Geografia permite formar o cidadão a partir de um conjunto de

conhecimentos, confere valor ético às relações Homem / Meio, contribui para a formação de uma consciência espacial, permite compreender que o espaço geográfico não é apenas meio natural, mas também um meio social criado pelo Homem e que este atua no espaço, alterando-o e configurando-o de modo diverso. Desta forma confere aos jovens uma maior capacidade de reflexão teórica e de observação dos fenómenos que ocorrem no espaço a diferentes escalas, permitindo maior grau de abstração e expressão de relação, e por fim, potencializa as capacidades inatas dos alunos colocando em causa os seus mecanismos de percepção, de descoberta e de investigação.

A educação geográfica tem hoje como grande meta preparar os jovens para a vida, num mundo em permanente mudança (Lambert & Balderstone, 2002), ou seja, preparar para o futuro. Tal como afirma Haapala (2001, p.256), "...a Geografia é uma disciplina que também tem um papel essencial quando falamos sobre a construção de uma visão pra o futuro". Assim, e através da Geografia podemos educar para a cidadania (Callai, 1999; Ferreira, 2001), para a sustentabilidade e para o mundo tecnológico, educar para as dimensões espirituais, morais, sociais e culturais (Lambert & Balderstone, 2002) e ainda educar para um mundo globalizado (Gerber, 2001).

Em contexto escolar, o professor de Geografia não deve abordar o espaço geográfico como palco de acontecimentos sociais, políticos, económicos, mas deve ir mais além, mostrando como a sociedade constrói e reconstrói o espaço geográfico num determinado momento histórico não se esquecendo de que esta realidade não se circunscreve só ao estudo do bairro ou da cidade ou do país. A escala de análise de todo o estudo geográfico tem que variar para que os alunos compreendam a totalidade da problemática espacial.

Cabe aos professores de Geografia direccionar a sua ação docente para o desenvolvimento do pensamento geográfico por parte dos alunos. A finalidade de ensinar Geografia é a de ajudar os alunos a formar raciocínios e conceções articuladas e aprofundadas a respeito do espaço, possibilitando-lhes a prática de pensar os factos e acontecimentos mediante várias explicações, o que implica o desenvolvimento do seu raciocínio. Atendendo a estas considerações, crê-se que "a participação dos mais jovens, na vida adulta, seja no trabalho, no bairro onde moram, no lazer ou nos espaços de prática explícita, certamente será de melhor qualidade se estes conseguirem pensar sobre o seu espaço de forma mais abrangente e crítica" (Cavalcanti, 1998, p.24). Dentro deste exercício de entendimento do espaço, o professor deve desenvolver um processo ensino-aprendizagem que conduza o jovem aluno a familiarizar-se com o conceito de lugar, de paisagem, de região, de natureza, de sociedade e território, conceitos fundamentais para o raciocínio espacial, elementares para o estudo da Geografia. O professor tem como missão preconizar um ensino da Geografia que constitua "um caminho metodológico possível para a construção e reconstrução de conhecimentos necessários ao desenvolvimento intelectual dos alunos, isto porque trabalha com conceitos que fazem parte da vida quotidiana das pessoas" (Cavalcanti, 2006, p.33). Conduzir o aluno a aprender e a trabalhar as principais questões que dominam o nosso século: os problemas ambientais, os problemas geopolíticos e geo-económicos, as novas relações entre

o local e global, os problemas éticos e culturais e de género, a importância de conviver com os outros, com as alteridades e as diferenças. Ou seja, possibilitar que, através da Geografia e do seu ensino desenvolvem uma compreensão construtivista acerca do mundo que nos rodeia e os rodeia.

Neste contexto o papel do professor torna-se então primordial. Este deve configurar práticas que conduzam ao desenvolvimento “de algumas ideias que quando postas em prática, permitam aos alunos mobilizar os seus conhecimentos e o saber-geográfico na resolução dos seus problemas” (Cachinho, 2000, p,70).

4. Representações Sociais e Ensino

A noção de representação social surge com Moscovici (1961), a partir dos estudos em torno das representações sociais de psicanálise. O investigador desenvolveu um universo teórico de referência que serviu de base a investigações posteriores. Para Moscovici, segundo Alves - Mazzotti (2008, p.27-28), o “conceito é dinâmico e polifacetado e a sua essência não é fácil de aprender”. Para justificar a dificuldade da sua apreensão é apontada a interdisciplinaridade em torno de todo o conceito, o que faz com que este se situe numa encruzilhada entre informações de natureza psicológica e sociológica. Segundo Santiago (1993) os elementos de ordem cognitiva, afetiva e normativa estruturantes das representações sociais, são influenciados na sua génese, por fatores contextuais de natureza social e/ou institucional, e de natureza individual, que resultam das experiências subjetivas dos sujeitos.

Muitos investigadores (Moscovici, 1961, Jodelet,1984), defenderam que a função principal das representações sociais é servir de suporte para a leitura da realidade social, sobretudo quando esta escapa ao controle dos sujeitos (indivíduo, grupo e/ou instituição), porque é complexa, por vezes inexplicável e de difícil integração no pensamento já construído. Então, “procura-se transformar o estranho em algo familiar, materializando um conjunto de significações ou de excessos das mesmas em matrizes de pensamento ou esquemas interpretativos dessa mesma realidade” (Santiago, 1993, p.178). O mesmo autor defende que antes de tudo, as representações sociais, “são individuais exprimindo posições, interesses e expectativas do ator principal e só depois adquirem o seu carácter social de interação, através da reestruturação da confirmação e da partilha social dos seus conteúdos assim como das funções que vai desempenhar na comunicação” (Santiago, 1999, p.178).

Foi com base nestes pressupostos que recorreremos ao universo conceptual das representações sociais com o intuito de estudar as significações atribuídas à Geografia e à Educação Geográfica, por parte dos estudantes - professores com quem trabalhamos. Pretendemos constatar não o que se passa no pensamento de cada um dos estudantes, mas sim a compreensão de como e por que esses indivíduos constroem e mantêm as suas perceções, atitudes, atribuições e expectativas, recorrendo-se,

para atingir tal objetivo, aos “sistemas de significação socialmente enraizados e partilhados que as [recepções] orientam e justificam” (Carvalho, 2003, p.71).

Tal como o autor defende pensamos poder inferir que conhecer as representações sociais deste grupo de professores em formação inicial, pode ser o primeiro passo para se compreender as suas atitudes em relação aos objetivos sociais.

5. Metodologia do Estudo

De 2008 a 2016 o modelo de formação inicial de professores de Geografia em vigor na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), traduziu-se na modalidade de Mestrado em Ensino da História e Geografia¹. Este curso foi frequentado por estudantes com percursos académicos diferentes, já que alguns possuíam licenciatura em Geografia com *minor* em História e outros uma Licenciatura em História com o *minor* em Geografia. Frequentaram também este mestrado estudantes com graus académicos de outras áreas das Ciências Sociais, tais como Antropologia, Arqueologia, Estudos Europeus e Relações Internacionais. Antes de frequentarem o ensino superior, o percurso académico dos alunos foi também bastante diferente. No primeiro caso, estes estudantes só estudaram Geografia, quando a disciplina surge obrigatória e autónoma no sistema de ensino, ou seja, entre os 12 e os 15 anos de idade (3º ciclo do Ensino Básico). Por outro lado, muitos destes alunos ingressaram no ensino superior sem terem frequentado a disciplina no ensino secundário. O mesmo não aconteceu com os segundos, já que a disciplina de História surge como obrigatória, desde os 10 anos de idade, ao nível do 2º e 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário. Ou seja, estes alunos quando ingressaram no ensino superior frequentaram a disciplina de História durante oito anos, enquanto que os alunos de licenciatura em Geografia podem tê-la frequentado apenas três.

Quando se iniciou este modelo de formação de professores, desde logo nos confrontamos com problemas resultantes da agregação de estudantes com formações académicas tão diferentes. Perante essas situações que nos surgiram, pensamos realizar estudos sobre o próprio curso. Foi assim que, durante os primeiros anos, demos voz aos estudantes sobre as suas expectativas, perceções e experiências. Mais tarde, à medida que os estudantes se inseriam na sua Iniciação à Prática Profissional, tornou-se importante para nós perceber o que pensavam os estudantes - professores sobre a importância da supervisão pedagógica. Finalmente, quisemos conhecer as representações dos professores sobre o que é para eles a Geografia, a Educação Geográfica e como esta disciplina deve ser ensinada nas escolas. O estudo que agora apresentamos foca-se nesta última fase.

¹ De acordo com o D.L. nº 74/2014 de 14 de Maio a formação inicial de professores a partir de 2015-2016, organiza-se em torno do Mestrado em Ensino da Geografia separado do Mestrado em Ensino da História.

Com este fim elaboramos um inquérito por questionário a todos os alunos que frequentavam o Mestrado em Ensino da História e Geografia que se encontravam no 2º ano do curso, durante o ano letivo de 2013/2014. Recorremos ao inquérito com perguntas semi – abertas, pois permitem obter informações gerais e proporcionar novas entradas sobre tópicos específicos e, deste modo, compreender o ponto de vista das pessoas auscultadas. Este inquérito decorreu em outubro de 2013 e foi respondido por todos os alunos do Mestrado, ou seja, 26.

Recolhidos todos os inquéritos, tivemos que organizar e sistematizar os dados obtidos com o fim de extrairmos significados relativos à pesquisa. A informação obtida foi tratada através da técnica de análise de conteúdo, técnica de investigação que permite fazer inferências válidas e replicáveis dos dados possibilitando, de forma metódica, a obtenção de informações e testemunhos numerosos e extensos, segundo determinadas regras e permitindo também extrair um conhecimento compreensível para além do exposto. Como pretendíamos inferir as representações dos alunos sobre o que é a Geografia e a Educação Geográfica, optámos por realizar uma análise qualitativa, que tal como L'Éculier (1990, p.31) defende “consiste em descrever as particularidades específicas dos diferentes elementos (palavras, frases e ideias) reagrupadas em cada uma das categorias”. Definimos categorias, o que nos permitiu analisar a apreensão do sentido dos discursos e optámos por construí-las usando procedimentos abertos. Foi nosso objetivo fazer emergir os sentidos do próprio material, partindo dos dados objetivos que justificaram este procedimento de investigação e que pretendem perceber as representações dos estudantes - professores sobre o que é a Geografia e a Educação Geográfica.

6. Os Resultados Obtidos

A partir do momento em que analisamos os dados obtidos começamos por sistematizar as vozes dos alunos - professores da Licenciatura em Geografia com *minor* em História e as vozes dos Licenciados em História com *minor* em Geografia. Para os primeiros, a Geografia é uma ciência global e abrangente que ensina a pensar sobre os fenómenos em diferentes escalas, envolve elementos distintos, com a capacidade de interligar e resolver os problemas que surgem na relação Homem-Meio. Também para estes alunos, a Geografia estuda a dinâmica do planeta e as suas interrelações com o Homem. Finalmente, a Geografia “é a ciência que se intromete em tudo”. Quanto aos alunos com Licenciatura em História com *minor* em Geografia, estes têm uma ideia mais concisa para definirem a ciência. Para eles, a Geografia é a ciência que estuda os fenómenos humanos e físicos que ocorrem na Terra, assim como as suas interpelações. Finalmente, é a ciência do Território.

À semelhança da primeira questão, os estudantes licenciados em Geografia com *minor* em História têm uma ideia sobre o que é a Educação Geográfica bastante diversificada. Assim, entendem

que é a Geografia ensinada aos alunos e também que é uma amostra do que simboliza Geografia. Ouvimos de igual modo, que a Educação Geográfica é o campo no qual os alunos desenvolvem competências abrangentes, que são essenciais para compreender a evolução da humanidade. É ainda o âmbito em que os alunos aprendem a lidar com problemas reais, preparando-os para a sua resolução e aplicação na vida quotidiana.

Por seu turno, a Educação Geográfica para os Licenciados em História com *minor* em Geografia, é o conjunto de conteúdos geográficos essenciais para que os jovens tenham um conhecimento geográfico adequado e importante para os cidadãos do século XXI. Mas também é o conjunto das competências a serem ensinadas aos estudantes de modo a assegurar que os indivíduos sejam capazes de observar, refletir e, se possível, agir sobre o ambiente e refletir perante o mundo em que vivem. Finalmente, também entendem a educação geográfica como a aplicação da Geografia no ensino básico e secundário.

O inquérito que distribuímos pelos estudantes – professores também os questionava sobre como a Geografia deveria ser ensinada. Todos os alunos assinalaram que a Geografia deveria ser ensinada realçando a ligação das experiências / realidade dos alunos com a vida quotidiana, mas também o papel do professor e os seus métodos de trabalho.

Os estudantes Licenciados em Geografia com *minor* em História, defendem que a relação da experiência dos alunos com a vida quotidiana deve ser respeitada de modo a incentivá-los a compreender o mundo em que vivem, afastando-os do ensino baseado só em livros didáticos e usando o trabalho de campo. Aos professores cabe o uso de métodos de ensino baseados em conceções prévias e de modo atraente, dinâmico e interativo.

Quanto aos estudantes Licenciados em História com *minor* em Geografia, também defendem que o ensino de Geografia deve realizar-se de modo que a experiência / vivência dos alunos seja ligada ao quotidiano dos alunos, mas ensinando-os a ver o mundo através de diferentes lentes geográficas e serem capazes de agirem consciente e ativamente. Os professores devem usar recursos didáticos para desenvolver o conhecimento, levando os alunos à descoberta, distanciando-os de uma aprendizagem memorística.

7. Considerações finais

Prévot defende (1981) que estudar Geografia tem uma simples razão objetiva: ela encontra-se por toda a parte. Enquanto disciplina escolar, a Geografia ensina não apenas determinados saberes

concretos, mas constitui-se como um instrumento que permite conhecer e compreender o mundo em que vivemos, em especial no que diz respeito à sua estrutura espacial e aos fenómenos que nele ocorrem. Ao desenvolver uma educação geográfica o(s) professor(s) desenvolvem capacidades individuais e sociais dos educandos, mas também fomentam a sua integração, socialização e consciência espacial, fazendo uma leitura crítica do espaço em que vivem, tomando consciência que também fazem parte dele.

Estas são as ideias – chave desenvolvidas por nós junto dos nossos estudantes – professores de geografia em formação inicial. Ao longo deste modelo de formação fomos ouvindo as vozes dos estudantes, conhecendo as suas representações, no que diz respeito ao que pensam sobre o que é a Geografia, o que é a Educação Geográfica e como a Geografia deve ser ensinada aos jovens estudantes. Apesar de termos dividido os alunos em função do seu percurso académico, percebemos que os licenciados em Geografia com *minor* em História e os licenciados em História com *minor* em Geografia tinham visões idênticas quanto aos assuntos considerados. Para todos a Geografia é uma disciplina global, abrangente, que estuda fenómenos físicos e humanos que ocorrem à superfície terrestre interpretando-os É uma ciência do território. Os segundos têm contudo uma ideia mais concisa do que os de Geografia.

O mesmo não acontece quanto ao conceito de Educação Geográfica. Enquanto os alunos com uma Licenciatura em Geografia entendem a Educação Geográfica como uma extensão do conceito de Geografia, os alunos licenciados em História com *minor* em Geografia, têm uma conceção de Educação Geográfica ligada ao desenvolvimento do pensamento geográfico. Quanto ao modo como a disciplina deve ser ensinada, voltamos a perceber que para todos é importante que o(s) professor(es) atuem de modo a que sejam usadas as conceções prévias dos alunos mas articuladas com o seu quotidiano cabendo aos professores usar métodos de ensino atraentes, dinâmicos e interativos.

Estes professores em formação inicial, apesar dos diferentes percursos académicos, demonstraram sempre grande preocupação com a validade da sua formação científica oferecida no *minor* (quer de História quer de Geografia). Têm alguma consciência do que é a Geografia, e a Educação Geográfica e como esta disciplina deve ser ensinada. Pressupõem que a ciência, enquanto disciplina educativa, ensina determinados saberes concretos, mas a assunção de que ela se constitui como um instrumento que permite conhecer e compreender o mundo em que vivemos, nomeadamente no que diz respeito à sua estrutura espacial e aos fenómenos que lhe deram lugar, é ainda muito ténue. Estão ainda longe de terem incorporado a noção de que a disciplina de Geografia e o seu ensino constitui um excelente meio para desenvolver certas capacidades individuais e sociais da pessoa, fomentando a sua integração e socialização. Não percebem ainda claramente que a Geografia e o seu ensino permite formar cidadãos a partir de um conjunto de conhecimentos que contribui para a formação de uma consciência espacial. Estão longe de perceberem que a Geografia e o seu ensino confere aos jovens uma capacidade de reflexão teórica e de observação dos fenómenos que ocorrem a diferentes escalas, permitindo mais capacidade de abstração e expressão de relação.

8. Bibliografia

- ALVES – MAZZOTTI, Alda (2008). Representações Sociais: Aspetos Teóricos e aplicações à Educação. *Revista Múltiplas Leituras*, V.1, nº1, (p.p.143-84). São Paulo.
- BAILEY, Patrick (1974). *Teaching Geography*. London: Newton Abbot – David and Charles. (p.p.24-36).
- CACHINHO, Herculano (2000). *Geografia escolar: Orientação Teórica e Praxis Didáctica*, Inforgeo, nº 15, Lisboa, Edições Colibri, (p.p. 69-90).
- CALLAI, Helena (1999). A Geografia no Ensino Médio. In *As Transformações no Mundo da Educação - Geografia, Ensino e Responsabilidade Social*, Coleção Terra Livre.
- CARVALHO, Ana Catarina (2003). Representações sociais de consumo de álcool e drogas em adolescentes. Instituto Superior de Psicologia Aplicada Tese de Mestrado
- CAVALCANTI, Lana de Sousa (1998). *Geografia, Escola e Construção do Conhecimento*, Campinas, Editora Papirus.
- FERREIRA, Conceição Coelho & SIMÕES, Natércia (1986). *A evolução do pensamento geográfico*. Lisboa. Gradiva.
- FERREIRA, Manuela (2001). Geographical Education and Citizenship: innovative practices. In *CGE- IGU, Helsinki Symposium*, (p.p.271-273).
- GERBER, Robert (2001). Globalisation Education and Geographical Education: inseparable futures. In *CGE-IGU, Helsinki Symposium*, (p.p.256-259).
- HAAPALA, Anu (2001). Future Education in Learning and teaching geography. In *CGE-IGU, Helsinki Symposium*. (p.p.256-259).
- ILLERA, António (1995). Una Cultura Geográfica para todos: el papel de la Geografía em la educación primária e secundária In JIMENEZ, Antonio, MARRON GAITE, Maria de Jesus (1995) *Enseñar Geografía: de la Teoria ala Prática*, Espacios y Sociedade, Editorial Sinteses.
- JODELET. P. (1984). Representation sociales: phénomènes, concept et theorie In S. MOSCOVOCI (ed.) *Psychologie Sociale*, Paris. PUF.
- L'ÉCUYER, R. (1990). *Méthodologie de l'analyse développementale des contenus. Méthode GPS et concept de soi*. Québec : Presses de l'Université du Québec.
- LACOSTE, Yves (1980). Les différentes niveaux d'analyse du raisonnement geographic, *Herodote*,18, (p.p. 3-15).

LAMBERT, David. & BALDERSTONE, David. (2002). Geography and education for the future. In LAMBERT, David. & BALDERSTONE, David. (2002). *Learning to teach Geography in the secondary school*. Routledge, (p.p. 363-402).

MOSCOVICI, Serge (1961). La psychanalyse, son image et son public. *Revue Française de sociologie*. Vol.2, nº4, (p.p.328-330).

PREVOT, Victor (1981). *À quoi sert la géographie?* Editions du centurion, Paris

SANTIAGO, Rodrigo (1993). *Representações Sociais e a Formação do Educador. Revelando Interações do discurso*. João Pessoa. Editora Universitária.